

LESLEY PEARSE

NUNCA DIGAS ADEUS

*SEPARADAS PELA VIDA
UNIDAS PELO DESTINO*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

*Para todos os pais a quem a meningite roubou um filho.
Os meus pensamentos estão convosco.*

AGRADECIMENTOS

A dois homens maravilhosos, sem cuja ajuda e apoio nunca poderia ter escrito este livro: o inspetor Jonathan Moore, pela sua contribuição em matéria de investigação policial, e John Roberts, advogado criminal de Bristol, pelo que me ensinou a respeito dos meandros da lei. Ambos me ajudaram generosamente e me encorajaram e apoiaram quando precisei. Adorei o vosso humor, a vossa simplicidade, a vossa paciência. Quaisquer erros ou asneiras são meus, não vossos, e a minha desculpa é que nunca poderia esperar apreender todo o vosso tremendo conhecimento e experiência sem passar pelo menos um mês ou dois na vossa pele. Se alguma das minhas leitoras se apaixonar pelo inspetor Roy Longhurst será porque, para o criar, me inspirei nestes dois amigos.

A Harriet Evans, a minha editora na Penguin Books. Como pode alguém tão novo ter tanta sensatez e diplomacia é algo que me ultrapassa. Nunca, nem uma vez, atirei as tuas notas para o outro lado da sala, irritada, ou disse: «Mas o que é que ela sabe disso?» Sabes. És inteligente, intuitiva, um amor de pessoa e alguém com quem é um prazer trabalhar. Obrigada, Harrie, e não só pela tua perícia como editora, mas também pelo conforto quando me sentia insegura, e pelo muito que rimos ao longo do percurso.

Finalmente, um agradecimento muito especial aos Spencer Dayman Meningitis Laboratories, de Bristol, pela preciosa informação que me proporcionaram sobre esta doença. Embora o

meningococo B continue a representar uma grave ameaça para a sociedade em todo o país, o magnífico trabalho que esta instituição de beneficência tem levado a cabo ao providenciar fundos para a pesquisa e desenvolvimento de vacinas contra a meningite assume uma importância vital.

CAPÍTULO 1

Outubro de 1995

Osom da porta da rua a abrir-se fez Pamela Parks erguer os olhos do livro de marcações. Eram dez menos um quarto de uma manhã de quinta-feira e a sala de espera estava cheia de doentes. Contrariada, viu que quem acabava de entrar era a mulher de ar desmazelado que passava a maior parte dos dias sentada num banco da praça, em frente do centro médico.

Pamela não era uma pessoa tolerante. Com quarenta e cinco anos e dois filhos crescidos, orgulhava-se da sua figura esbelta, da sua elegância e da sua eficiência. Não tinha tempo nem paciência para perder com quem não partilhasse os seus exigentes padrões. E com toda a certeza não tinha tempo nem paciência para aquela mulher que uma das enfermeiras alcunhara de «Vinnie». O apodo devia-se ao facto de Vinnie ser frequentemente vista a beber de uma garrafa de vinho barato, sendo a opinião geral que devia tratar-se de uma ex-doente mental que fora largada na comunidade sem o devido acompanhamento.

Chovia intensamente e Vinnie deteve-se no tapete em frente da porta, a afastar os fios de cabelo molhados do rosto gordo e avermelhado. Vestia um impermeável transparente por cima de um casaco curto e calçava umas velhas alpergatas.

Eriçada de indignação, Pamela fez deslizar para o lado o vidro da divisória do balcão da receção.

– Não pode entrar aqui – disse. – Nem para fugir à chuva nem para usar os nossos lavabos. Vá-se embora, ou chamo a polícia.

Vinnie ignorou-a. Despiu o impermeável e pendurou-o num dos cabides à esquerda da porta. Furiosa com o desplante da criatura, Pamela inclinou-se por cima do balcão, para ver melhor o que ela estava a fazer. Parecia estar a tirar qualquer coisa do bolso do casaco.

– Já lhe disse que não pode entrar aqui – repetiu Pamela. Sentiu uma ligeira pontada de pânico: havia pelo menos dez pessoas à espera de consulta, dois médicos tinham saído em chamadas de emergência e Muriel, a rececionista-chefe, estava na sala ao lado a tirar notas dos processos dos pacientes.

– Vim falar consigo – disse Vinnie, avançando deliberadamente na direção dela.

Pamela recuou, afastando-se do balcão, repentinamente assustada pelos olhos da mulher. Eram claros, azul-esverdeados, muito frios e duros. Vista de perto, não parecia tão velha como assumira. Na realidade, deviam ter as duas mais ou menos a mesma idade.

– Não se lembra de mim, pois não? – continuou a mulher, um ligeiro sorriso a torcer-lhe um canto da boca. – É natural, suponho que mudei muito. Você não, continua tão mal-educada e má como naquela altura.

Foi a voz que despertou a recordação. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, a mão da mulher ergueu-se acima do nível do balcão. Empunhava uma arma, e apontava-a diretamente a Pamela.

– Não seja ridícula – disse Pamela instintivamente, recuando ainda mais assustada. Mas era demasiado tarde para fugir. Um estrondo enorme encheu-lhe os ouvidos e, no mesmo instante, uma dor dilacerante trespassou-lhe o peito.

Na sala contígua, Muriel Olding tinha ouvido Pamela mandar alguém sair, mas não conseguiu ver quem porque o gabinete não tinha janelas para a receção. Apesar de chocada pela rispidez da colega, e com curiosidade de saber contra quem era dirigida, naquele

preciso instante equilibrava um periclitante monte de processos na beira da gaveta aberta de um armário de arquivo.

Mas quando ouviu uma voz de mulher dizer calmamente «Não se lembra de mim, pois não?» em vez de responder com insultos a Pamela, Muriel pousou as pastas em cima do armário e dirigiu-se à porta que dava para o corredor com a intenção de ver quem era. Acabava de rodar a maçaneta quando soou um estrondo ensurdecedor.

Nem por um instante lhe passou pela cabeça que tivesse sido um tiro. Julgou que fosse um petardo, pois outubro chegava ao fim e há já vários dias que a malandragem da vizinhança se entretinha a fazê-los rebentar à volta do centro. Quando abriu a porta e viu Vinnie de pé, com uma arma na mão, o cheiro acre da cordite a encher a receção, ficou como que pregada ao chão pela incredulidade.

Por um segundo, os olhos da mulher fixaram-se nos dela, mas quando o Dr. Wetherall abriu de rompante a porta do consultório, Vinnie rodou para ele tão suavemente como se estivesse em cima do prato de um gira-discos.

– Que diabo! – rugiu o médico, mas a mulher calou-o disparando novamente e atingindo-o no peito.

Muriel não queria acreditar no que estava a ver. O sangue jorrou no mesmo instante do peito do Dr. Wetherall, que deixou escapar uma espécie de gemido, levou as mãos ao ferimento, abriu muito os olhos e recuou a cambalear para dentro do consultório.

Foi puro instinto que levou Muriel a saltar para trás, fechar a porta do gabinete e rodar a chave na fechadura. Só quando se apercebeu de que os gritos que ouvia não eram só seus, mas também dos doentes na sala de espera, é que ela tomou plena consciência de que aquilo era real e não um pesadelo criado pela sua imaginação.

Naqueles poucos instantes, tinha visto Pamela caída de costas, de braços e pernas abertos, o sangue a borbotar-lhe de um buraco no peito.

Pegou no telefone e, escondida debaixo da secretária, marcou febrilmente o 112.

*

Cerca de quatro horas mais tarde, o inspetor Roy Longhurst sentava-se ao lado de Muriel, que, embrulhada numa manta, estava deitada no sofá de um dos consultórios do primeiro piso. Lá em baixo, a equipa forense e os fotógrafos da polícia faziam o seu trabalho. Quando chegara, todos os outros funcionários e doentes que se encontravam no edifício na altura dos tiros estavam em choque, alguns até quase histéricos, mas como nenhum testemunhara verdadeiramente o que tinha acontecido, a maioria fora já levada para casa. Mas Muriel assistira a tudo, e Longhurst estava muito preocupado com ela. Era uma mulher muito perto dos sessenta, e o rosto vincado e os cabelos grisalhos recordavam-lhe a sua própria mãe.

Segurou uma mão dela entre as suas enormes manápuas e esfregou-a gentilmente.

– Ora bem, Mrs. Olding – disse. – Acalme-se, demore todo o tempo que for preciso e tente dizer-me exatamente o que viu e ouviu esta manhã.

Roy Longhurst tinha quarenta e cinco anos, um metro e oitenta e oito de altura e cem quilos de osso e músculo. Mesmo à civil, ou com o equipamento de rãguebi, conseguia continuar a parecer um polícia, algo que divertia muito a mãe, que costumava dizer que era precisamente para o que tinha nascido.

Apesar de não ser bonito, era um homem atraente, com cabelos escuros, fortes e ondulados, pele morena e olhos castanhos e expressivos. Era um polícia da velha escola, escrupulosamente honesto mas com opiniões muito definidas. Não tinha paciência para os patifes que alegavam uma infância difícil para justificar as suas malfetorias. Ele próprio tivera uma infância difícil e sobrevivera sem recorrer à delinquência. Voltaria a instaurar a pena de morte e a vergasta, se pudesse, e achava que as prisões deviam ser muito mais duras do que eram. No entanto, era compassivo por natureza para aqueles que mereciam a sua compaixão, como as vítimas de um crime. Mrs. Olding, apesar de não ter sido fisicamente ferida, era

para ele uma vítima, pois ficara claramente arrasada pelo que vira naquela manhã.

Dowry Square, em Hotwells, tinha sido construída no século XIX para os ricos mercadores de Bristol que queriam viver longe do fedor das docas da cidade. Mas ao contrário do vizinho Clifton, que tinha de certo modo conseguido manter a sua imagem de bairro seletto durante duzentos anos, Hotwells degradara-se. O barulho constante do tráfego que enchia a vasta rede de vias rápidas que a atravessava, e que incluía um gigantesco viaduto, tornara-a, há já várias décadas, numa área indesejável. Mas a partir de meados da década de 1980, com a construção de novos blocos de apartamentos e conjuntos de moradias ao longo da margem do rio, começara a recuperar.

O prédio que alojava o centro médico refletia todas estas mudanças. Primeiro uma respeitável casa de família, depois uma pensão de má fama e finalmente uma clínica, conhecera uma grande variedade de proprietários e ocupantes. Os utentes da clínica iam de gente modesta e sem recursos, a viver em pensões baratas, a proprietários de casas avaliadas em mais de meio milhão de libras, passando por estudantes, inquilinos de casas camarárias, velhos *hippies* e jovens *yuppies*.

O centro conseguira, apesar de tudo, manter a sua imagem de casa particular, com os consultórios, salas de espera e de tratamento a abrir para um longo corredor central. Havia mais consultórios no primeiro piso. Do balcão da receção, com a sua divisória de vidro, até à porta da frente ia uma distância aproximada de quatro metros e meio.

Quando a equipa de intervenção chegara, naquela manhã, já se sabia que havia dois mortos e cerca de dez pessoas na sala de espera, além de médicos e enfermeiras. Os agentes estavam a contar com uma situação que envolvesse reféns e iam preparados para ela. Tinham assumido, porque ninguém lhes dissera o contrário, que a pessoa que efetuara os disparos era um homem e que o incidente estava relacionado com drogas.

No entanto, quando Longhurst chegou, pouco depois, explicaram-lhe que tinham encontrado a porta da frente aberta e uma mulher sentada no chão do vestíbulo. Num primeiro momento, tinham pensado que o atirador já fugira e que aquela mulher estava num estado de choque demasiado profundo para conseguir mover-se ou falar. Mas então, depois de olhar por um instante, em silêncio, para o agente armado que se detivera à porta, a mulher falara:

– Fui eu que os matei – dissera, e apontara para a pistola caída no chão junto dela, parcialmente escondida pelo casaco.

O agente ordenara-lhe que se afastasse da arma, o que ela fizera arrastando-se para o lado. Depois de a arma ter sido recuperada, a mulher pusera-se de pé por sua própria iniciativa e indicara onde se encontravam as duas vítimas. Quando lhe perguntaram porque tinha matado aquelas pessoas, respondera cripticamente:

– Eles sabem.

Longhurst fora responsável por deter a mulher e informá-la dos seus direitos antes de a levarem para Bridewell. Apesar de só ter estado com ela cerca de dez minutos, achara-a intrigante. Não tivera a mais pequena reação ao burburinho do outro lado da porta da sala onde a tinham fechado. Apesar de admitir mais uma vez que fora ela que matara as duas pessoas, recusara dar o nome e morada, e todo o seu aspeto descuidado e miserável contrastava curiosamente com uma voz suave e uma postura cheia de dignidade. A arma, segundo um dos membros da equipa de intervenção, era um revólver de serviço, quase de certeza uma relíquia da Segunda Guerra Mundial.

– Não a vi entrar – disse Muriel, a voz trémula do choque. – Estava na sala atrás do balcão de receção... não é bem uma sala, é mais uma espécie de cubículo. Há uma porta que dá para o vestíbulo, mas nenhuma janela. Só ouvi a Pam a falar alto com alguém, a dizer: «Não pode entrar aqui. Nem para fugir à chuva nem para usar os lavabos, de modo que vá-se embora ou chamo a polícia.»

– Com quem pensou que ela estava a falar? – perguntou Longhurst.

Muriel encolheu os ombros.

– A verdade é que, no momento, não pensei verdadeiramente nisso, mas suponho que imaginei que fosse algum miúdo, ou coisa assim. Mas pensei que aquilo não era maneira de falar com uma pessoa, fosse ela quem fosse. Então ouvi uma voz de mulher dizer qualquer coisa como «Não me reconhece, pois não?». Não parecia zangada, nem nada disso. Fiquei curiosa, e foi por isso que abri a porta. Foi então que ouvi o estrondo. Pensei que alguém tinha atirado uma bombinha.

– E o que foi que viu no vestíbulo?

– A Vinnie... era assim que lhe chamávamos.

– Conhecia-a, então?

– Sim. Há dezoito meses que se senta lá fora na praça quase todas as manhãs. Nunca tinha entrado no centro, pelo menos que eu saiba.

Acabou de contar a Longhurst o que tinha visto, e como voltara a correr para o gabinete e chamara a polícia.

– Estava tão assustada – disse, e recomeçou a chorar. – Trabalho aqui há quinze anos, e nunca tinha acontecido uma coisa assim.

Longhurst sabia que quando a equipa de intervenção entrara no centro, Muriel ainda estava escondida debaixo do balcão da receção, a poucos passos de distância do corpo da outra mulher. Estava petrificada pelo terror e terrivelmente envergonhada por não ter pensado nos pacientes que se encontravam na sala de espera enquanto ela se protegia.

O agente que a encontrara demorara algum tempo a convencê-la de que chamar imediatamente a polícia e ficar quieta fora a coisa mais sensata que poderia ter feito. Garantira-lhe que nenhum dos pacientes ficara ferido e que a enfermeira de serviço na sala de tratamentos contígua à sala de espera os pusera a todos em segurança. Mas Muriel continuava convencida de que devia ter feito mais.

– Há quanto tempo trabalhava aqui a Pamela Parks? – perguntou Longhurst.

– Há cerca de oito anos, parece-me – respondeu Muriel, e novas lágrimas assomaram-lhe aos olhos. – Coitados do marido e dos filhos! Que vão eles fazer?

Longhurst deu-lhe uma palmadinha na mão e esperou que as lágrimas acalmassem.

– Era amiga da Pamela? – perguntou. – Quero dizer, além de trabalharem juntas.

– Não verdadeiramente – disse Muriel, erguendo para ele os olhos húmidos. – Não tínhamos muita coisa em comum. Ela era muito inteligente, nada como eu.

Uma das enfermeiras já tinha informado Longhurst de que havia algum atrito entre Muriel e Pamela. Segundo ela, a mulher mais velha fora colocada um pouco à margem pelos conhecimentos informáticos de Pamela. Dissera também que Pamela era um tudo-nada excessivamente intrometida, que queria controlar todo o funcionamento da clínica.

Longhurst tinha visto a mulher morta antes de o corpo ser levado. Era bastante atraente, no início da casa dos quarenta, com madeixas louras nos cabelos e as unhas cuidadosamente pintadas. Já sabia que vivia numa luxuosa casa em Clifton, que conduzia um *BMW* e que o marido, Roland Parks, era um bem-sucedido homem de negócios.

– Essa mulher a quem chamam Vinnie é doente do centro? – perguntou.

– Penso que não – respondeu Muriel. – Pode estar registada, claro. Há montes de pessoas que estão registadas aqui e que nunca vimos como doentes. Acabamos por só conhecer os que vêm regularmente. Mas, que eu saiba, nunca cá tinha entrado.

– Diga-me, então, quando a via sentada lá fora na praça, o que pensava dela?

Muriel encolheu os ombros.

– Nada de especial. Só perguntava a mim mesma o que faria a pobre criatura ali sentada todos os dias. Por vezes tinha uma garrafa

de vinho, de modo que suponho que se embriagava, mas nunca andava aos tombos por aí nem gritava, nem nada disso.

– A Pamela costumava fazer comentários a respeito dela?

– Sim, era um pouco dura. – Muriel encolheu os ombros. – Dizia que deviam interná-la num sítio qualquer. Parece que tinha razão, ao fim e ao cabo.

– É então possível que as duas já tivessem discutido antes de isto acontecer?

Ela franziu a testa, como que a tentar recordar.

– Não me parece. Pelo menos, a Pamela nunca disse nada a esse respeito. Mas se foi por isso, porque terá ela matado também o Dr. Wetherall?

– Talvez tenha sido só por ele ter saído do consultório – sugeriu Longhurst.

– Eu também saí, e ela não me matou.

Longhurst já tinha ponderado este ponto. Não sabia se Muriel tivera sorte ou se a assassina entrara ali com os seus alvos já definidos.

– Conte-me o que sabe a respeito da Pamela – pediu, gentilmente. – Tudo o que lhe ocorrer. Como ela era com as pessoas. Consigo, com os médicos, que interesses tinha, esse género de coisas.

– Como lhe disse, era inteligente. – Muriel suspirou. – Elegante, no aspeto e nas maneiras. Roupas caras, arranjava as unhas e o cabelo todas as semanas. Não precisava de trabalhar, fazia-o porque gostava. Ela e a família iam de férias a lugares como a África ou o Japão, vivem numa casa de luxo. Não sei que interesses tinha além de cozinhar. Estava constantemente a oferecer jantares, falava de coisas como tomate seco ao sol como se fosse suposto eu saber o que eram.

Longhurst calculou, pelo tom da voz, que Muriel achava que ela própria e Pamela Parks se encontravam em extremos opostos da escala social.

– Fale-me então de si – sugeriu.

– Sou o mais diferente da Pam que se possa imaginar – disse Muriel, com uma ponta de dureza. – Eu e o meu marido, o Stan,

vivemos numa casa camarária, em Ashton. O Stan trabalha nos caminhos de ferro. A única vez que fomos ao estrangeiro foi a Espanha, nenhum dos meus quatro filhos tem o 12.º ano, quanto mais frequentar a universidade, como os da Pam.

– Mas aposto que é mais compreensiva para com os doentes – disse ele, a tentar sacar-lhe mais.

– Tento ser – respondeu Muriel, os olhos cheios de ansiedade. – Sei o que é estar preocupada por ter um filho doente e querer que ele seja imediatamente visto por um médico. A Pam conseguia ser um pouco dura com as pessoas, sobretudo com os pobres e os velhos. Mas a verdade é que queria fazer desta clínica a mais eficiente de Bristol, e conseguiu acabar com muita coisa que só nos fazia perder tempo, e cortar nas visitas domiciliárias a pessoas que não precisavam verdadeiramente delas. Estava a fazer um bom trabalho.

Longhurst olhou para Muriel e notou a pele cor de cinza, e o facto de ela continuar a tremer apesar de estar embrulhada numa manta. Era evidente que não estava em condições de responder a mais perguntas.

– Vou mandar alguém levá-la a casa – disse. – Dentro de um ou dois dias terei de passar por cá para lhe pedir um depoimento formal. Talvez se lembre de mais qualquer coisa depois de lhe ter passado o choque.

– Acho que nunca vai passar – disse Muriel, num tom triste. – Vi esta clínica crescer de apenas dois médicos até ao que é agora, um lugar agradável, seguro. Nunca pensei assistir a uma coisa destas! É como uma dessas coisas que acontecem na América e de que falam na televisão, não é?